

A CASA DE SUA EXCELÊNCIA, O PRÍNCIPE JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU

José Luiz M. Menezes

Resumo

Em 1631, verificando a dificuldade de defesa de Olinda, por meio de paliçada ou outra forma de proteção, os holandeses, pelo seu comandante Diederik Waerdenburch, tomaram a decisão, contrária à do Conselho da Companhia, na Holanda, de abandonar e dismantelar a vila, após o que incendiaram o casario, as igrejas, os conventos e a Casa da Companhia de Jesus, onde então estava instalado o quartel general dos invasores.

Com a destruição de Olinda toda a gente holandesa se recolheu na povoação dos Arrecifes. O Recife era constituído então das partes habitadas de uma península, cujo istmo surgia de Olinda na altura do Varadouro, e seguia na direção do Sul. Em 1637, quando o militar João Maurício de Nassau-Siegen chegou ao Recife contratado pela Companhia holandesa para governar a Conquista, não havendo melhor casa para aposentar o governador, aquela confiscada ao Pedro Álvares lhe foi entregue. Nela permaneceu João Maurício de Nassau até a construção de dois palácios na mesma ilha. Na *casa portuguesa* Nassau como dissemos viveu mais da metade do seu tempo de governo e nela muitas das suas ações tiveram lugar.

Abstract

In 1631 the Dutch commander Diederik Waerdenburch, realized how difficult it was to defend Olinda by means of a palisade or any other form of protection, therefore, against the orders of the Company's Council in Holland the Dutch decided to abandon and to destroy the villa. Following this decision they burned down the houses, churches, convents the House of the Company of Jesus where the invaders had installed their headquarters.

With the destruction of Olinda the Dutch went to the village of Arrecife. The city of Recife was at that time formed by inhabited locations in the peninsula, the isthmus of which emerged in Olinda by the Varadouro in the southward direction. In 1637 the military officer Johan Maurits van Nassau, -Siegen arrived in Recife hired by the Dutch Company to govern the conquered land, and for lack of a better place to install the governor he was given the house confiscated from Pedro Álvares Cabral. Johan Maurits van Nassau, lived there until the construction of two palaces in the island. In the Portuguese house Nassau lived half of his tenure as governor and there many decisions took place.

A Companhia das Índias Ocidentais, empresa holandesa, organizada em 1621, ¹ depois do fracasso da tomada da Bahia, em 1625, com grande armada conquista em 1630 a Capitania de Pernambuco, iniciando tal ação pela Vila de Olinda. Era coisa esperada e os portugueses residentes na Nova Terra e os nela nascidos, diante do poder daquela gente, em navios e militares mercenários nada puderam fazer. Com a queda de Olinda e sucessivamente do seu porto junto aos arrecifes, os habitantes da capitania somente puderam se retirar para o interior e construir uma fortificação² onde resistiram até 1635 quando, derrotados, fugiram para a Bahia.

Em 1631, verificando a dificuldade de defesa de Olinda, por meio de paliçada ou outra forma de proteção, os holandeses, pelo seu comandante Diederik Waerdenburch, tomaram a decisão, contrária à do Conselho da Companhia, na Holanda, de abandonar e dismantelar a vila, após o que incendiaram o casario, as igrejas, os conventos e a Casa da Companhia de Jesus, onde então estava instalado o quartel general dos invasores. Logo, chamados pelos padres, acudiram os índios e algumas construções, inclusive aquelas para fins religiosos tiveram somente os telhados destruídos pelo fogo. Isto se pode verificar por meio de representações gráficas, pinturas e gravura, do pintor Frans Post, deste as datáveis de depois de 1637 e uma delas titulada *Olinda* de antes de 1639, ³ ano em que a maioria do material de construção foi retirada da vila destruída naquela data para novas construções no Recife.

Com a destruição de Olinda toda a gente holandesa se recolheu na povoação dos Arrecifes. Naquela altura este assentamento urbano contava somente com pouco mais de quarenta casas, o que possibilitaria abrigar cerca de duzentas pessoas. ⁴ Na oportunidade, mais de mil homens, foram abrigados nessas poucas casas e, assim, parte desses teve de dormir nos navios ancorados no porto. Depois foram surgindo ampliações do casario e tudo pode ser acompanhado por meio de mapas que do lugar foram realizando os holandeses no sentido de informar a situação do povoado e as necessidades maiores de novas habitações. Acréscimos nas casas existentes, desde 1630, estão comprovados no *Inventário* feito depois de 1654 pelo escrivão Francisco de Misquita. ⁵

O Recife era constituído então das partes habitadas de uma península, cujo istmo surgia de Olinda na altura do Varadouro, e seguia na direção do Sul. Diante dessa península e a Oeste uma Ilha, conhecida como a dos Navios ou de Antonio Vaz, era um lugar apazível. Atingia-se tal área, cercada de mangues, atravessando o rio Capibaribe. Travessia difícil diante da força das águas desse rio que se uniam as do rio Beberibe vindas estas de Olinda. Mesmo com tal dificuldade os proprietários da

ilha, entre eles um chamado Pedro Álvares, proprietário de boa parte da ilha, começaram a construir casas na margem do primeiro rio referido. Em 1631, conforme mapa do engenheiro Andreas Drewisch Bongesaltensis, dentro das trincheiras se encontra assinalada apenas a desse Pedro Álvares⁶. Num mapa português do Recife de cerca de 1640 está representada esta “casa portuguesa” com indicação de ser “de Pedro Álvares”⁷. Em 1637, de acordo com mapa inserto no livro de Gaspar Barléus,⁸ existiam cerca de dezesseis moradias na margem do rio e, entre elas, a antes referida e de grande porte do referido Álvares. Assim, de 1631 até 1637, foram construídas mais moradias na ilha. O que é interessante é que tais edificações, todas elas, têm características arquitetônicas que as filiam a obras portuguesas. Inicialmente dominava a Ilha, isolada e voltada para o rio somente a grande casa do Álvares, senhor de boa parte do lugar.

A ilha era cortada no sentido Noroeste-Sudeste por um córrego que desaguava no rio Capibaribe. Das casas antes mencionadas fez representação o pintor Post em longo panorama titulado *Mauritiopolis* datável de entre 1637 e 1644. A casa do Álvares e as do povoado foram confiscadas pela Companhia das Índias Ocidentais depois da tomada da capitania em 1630.

Em 1637, quando o militar João Maurício de Nassau-Siegen chegou ao Recife contratado pela Companhia holandesa para governar a Conquista, não havendo melhor casa para aposentar o governador, aquela confiscada ao Pedro Álvares lhe foi entregue. Nela permaneceu João Maurício de Nassau até a construção de dois palácios na mesma ilha. As datas de construção desses palácios os filiam para depois de 1641 e, deste modo Nassau residiu naquela casa portuguesa de 1637 até 1642, ou seja, pelo menos cinco anos. No entanto, sobre tal construção pouco se diz diante da importância adquirida pelos referidos palácios. Estes são destacados por serem realizações do governador, aquela é deixada à margem por conta de sua origem ou talvez do seu aspecto pouco fiel ao gosto dos holandeses.

Na *casa portuguesa* Nassau como dissemos viveu mais da metade do seu tempo de governo e nela muitas das suas ações tiveram lugar. Na casa Georg Markgraf construiu no alto de sua coberta, aproveitando para apoio a sua estrutura de madeira, um observatório astronômico, também em madeira, e dele chegou a ver, com instrumento construído por ele próprio, o céu tropical deixando de tudo isso documentação preciosa. Nas dependências da casa, vistas em aquarela do pintor Zacharias Wagener,⁹ residiram os notáveis cientistas e artistas vindos com o governador. Tal casa portuguesa

mereceu uma pintura deste artista, com pequena descrição, e somente poucas linhas do biógrafo oficial do príncipe o senhor Gaspar Barléus.

A construção é bem singular, à luz das outras bem comuns quanto aos modelos ibéricos adotados naquela ilha, merecendo uma análise mais detalhada. Esse é o objetivo maior do presente texto.

A casa portuguesa e suas dependências

A casa portuguesa,¹⁰ além de indicada nos mapas, foi representada em gravuras e pinturas. Duas das representações, por conta da data em que foram realizadas, isto é, quando os artistas estavam no Recife, merecem destaque: a aquarela de autoria de Zacharias Wagener, incluída no seu Thier Burch,¹¹ e a que se vê na gravura *Mauritiopolis* de Frans Post, inserta no livro biográfico de Nassau produzido por Barléus.¹² A edificação está indicada no item 363 do Inventário das armas..e prédios ... produzido pelo escrivão Francisco de Misquita em 1654.¹³ O desenho de Post, depois gravura, é anterior, talvez bem pouco, a aquarela de Wagener, porquanto nele ainda a guarita sobre uma das entradas térreas da casa ainda não é vista.

A melhor representação é a do Wagener, face à riqueza de detalhes. A casa está em primeiro plano e toda a cena segue os padrões de uma perspectiva cavaleira, com ângulo de aproximadamente 60°. A ingenuidade da representação nos informa sem os rigores da considerada arte acadêmica todo o funcionamento da casa em momento próximo ao meio-dia. Quis o artista figurar um tempo que pudesse identificar melhor a corte em plena ação. Na rua cenas do cotidiano da Velha Maurícia, onde negros, mulatos e europeus estão circulando sozinhos ou em grupos. No interior do pátio um cortejo trás, provavelmente, comida para a casa principal, situada junto a ponte que passava para a Nova Maurícia sobre um grande canal que desaguava no Rio Capibaribe, desde outra situada na rua que do Terreiro seguia na direção da Porta Sul (Zuidpoort) do Groot Kwartier, ou *quartier*, (Rua Direita, depois do Queimado e finalmente Duque de Caxias). Esta última casa representa bem o gosto holandês.¹⁴ Outras cenas do cotidiano, vistas nesse pátio, são também de grande interesse.

Diante daquele desenho bem ingênuo da casa portuguesa não há possibilidade de reconhecer com muita clareza a técnica construtiva adotada. No entanto o *Inventário dos Prédios*, do Misquita já referido nos informa ser a construção de pedra e cal e, desse modo as cercaduras dos vãos seriam feitas de

cantaria. Um elemento construtivo nos chama a atenção: o perfil corrido que determina os peitoris das janelas do pavimento superior na fachada voltada para o rio. Tal forma de determinar a composição é presente em algumas construções do Norte de Portugal, mas não em grande número. Assim se torna necessário uma busca em casas dessa parte desse país para identificar a provável fonte inspiradora da composição arquitetônica da casa do Recife. Também não estaria destacada a hipótese da casa ter sido de alvenaria de pedra no térreo e taipa no pavimento superior, caso freqüente no Recife e arredores pelo que se conhece sobre a questão diante das pinturas de Frans Post.¹⁵ Mas se tal ocorresse uma falha existiria naquele *Inventário* que é muito minucioso. Quanto à fachada do lado da rua, o desenho nos sugere pilastras que suportam arcadas de alvenaria no térreo e no pavimento superior. O terraço superior é de soalho de madeira com guarda corpos do mesmo material. As pilastras têm bases e capitéis, indicando uma obra erudita.¹⁶ O todo da edificação é a soma de um quadrado a um retângulo sendo a coberta o elemento revelador da unificação de dois imóveis. Tal unidade externa está garantida pelas arcadas no térreo e no piso superior. Talvez existisse uma casa “ao quadrado” à qual se somou um outro corpo, no tempo português, para ampliar o existente. Acima da coberta, em quatro águas, aproveitando os espigões e as terças, conforme dissemos, Georg Markgraf construiu aquele referido observatório. Este corpo principal do conjunto de edificações que compõem a moradia está situado num dos ângulos de uma quadra. Ela também demarca o canto de um pátio com as demais construções ao redor. No lado da rua que da ponte vai para o Terreiro dos Coqueiros estão nove casinhas e uma entrada, para tal espaço aberto interior, bem destacado na composição.¹⁷ Conforme Misquita as casas coladas com o sobrado e a varanda de taboas separam-se das demais por uma entrada. E por serem fabricadas depois da casa principal e por flamengos elas tiveram de ser alugadas depois de 1654 pelo Belchior por não lhe pertencerem antes de 1630. As dependências, no lado sul do pátio interno, bem definidas na aquarela de Wagener seriam obras flamengas. Anexo a tal corpo principal, a moradia do Conde, para o sul, vemos uma casa com dois pavimentos que segue até o limita sul do terreno. É construção portuguesa conforme reza o *Inventário* do Misquita.¹⁸ Assim tal sobrado foi um acréscimo de caráter português à casa construída pelo Pedro Álvares, antes de 1630. Na casa do Conde duas são as escadas de acesso ao pavimento superior: uma primeira sobe para a varanda de tábuas e daí para as salas e demais ambientes da casa e uma segunda tem sua entrada protegida por um corpo saliente, provavelmente local da guarda, construída quando da presença de Nassau e simetricamente situada em relação à fachada voltada para o rio.

Como dissemos, temos de considerar, conforme dissemos antes, uma casa, no pátio, vista na aquarela de Wagener, e que se encontra na sua parte Oeste e voltada para o Terreiro dos Coqueiros. É uma edificação de vulto e reconstrução feita por flamengos de uma construção antes portuguesa conforme o Inventário do Misquita. Assim a feição final, vista na pintura, do imóvel lhe deu o flamengo sendo a casa então existente antes de 1630 de origem portuguesa.

A construção do observatório sobre o telhado é bem inteligente. Aproveitando os espigões e terças, como dissemos, Markgraf construiu uma plataforma, com varanda à volta, onde assentou a caixa octogonal que abrigava os seus instrumentos. Tal prisma octogonal, com oito aberturas de observação, tem uma varanda na sua parte superior além de uma coberta em forma de pirâmide de oito faces de base. Tal solução se pode ver também nas duas torres de Friburgo onde o modelo e talvez as dimensões desse observatório condicionou o coroamento delas. Somente que em Friburgo a cobertura desse prisma é à maneira da Holanda e presente em construções desse lugar e noutras partes do Norte Europeu. Sabemos ter sido o observatório de Markgraf provavelmente transferido para uma das torres do palácio. O acesso àquele referido prisma seria por uma escada interna e dentro ele estava dividido em dois vãos superpostos. O acesso interno deveria ser pela parte interior do telhado e com uso de um alçapão. Quanto à escada de acesso ao lugar dos instrumentos ela poderia ter sido do tipo dito “de marinheiro” existindo então talvez dois alçapões. De outra maneira não haveria espaço para o uso do instrumento então giratório instalado no nível correspondente à plataforma. A aquarela de Zacharias Wagener nos deixa entrever tal passagem de acesso desde o telhado, mas sem maiores detalhes. Dessa plataforma, com varandas à volta o artista Frans Post pintou seu notável quadro *Recife e Maurícia*.

O maior problema que enfrentamos com relação a casa do Conde é a disposição das casas, isto é, dos cômodos, no interior da moradia. Não temos nenhuma descrição da edificação nesse nível. A questão pode ser resolvida de maneira apenas parcial. Podemos tomar como referência, sendo ela uma casa portuguesa, modelos então seguidos naquela época em Portugal, Espanha e no Brasil para construções do gênero.

As casas rurais portuguesas no século XVII

Como dissemos no mapa da Ilha de 1631, a casa, entregue em 1637 para moradia de Nassau, estava isolada junto ao rio e dentro de uma grande propriedade pertencente ao referido Pedro Álvares. Era

este senhor dono de grande parte da Ilha dos Navios ou de Antônio Vaz. Seu descendente Belchior Alves, conforme grafia do Inventário reclamou a Campina, ¹⁹ isto é o trecho maior do atual bairro de São José dizendo ser antes de 1630 de propriedade de sua família. Assim, esta grande propriedade poderia ter características rurais, apesar de sua proximidade com o povoado dos arrecifes. Deste modo, o modelo da casa do Pedro Álvares estaria mais para uma casa de *Lavrador* em Portugal do que de uma urbana. Seria uma casa rural/urbana talvez no entendimento moderno de Gilberto Freyre. Por outro lado, suas características arquitetônicas também nos levam a identificá-la com os solares rurais do Norte de Portugal. A varanda de madeira e a disposição do telhado em quatro águas ajudam tal possibilidade. Percorrendo um inventário, realizado em Portugal pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos, ²⁰ encontramos algumas casas que muito nos ajudam para uma melhor análise do tipo construtivo da casa do Recife. Elas estão situadas no *Minho* e nas *Beiras*. A maior parte delas na região primeira.

A aparência externa dessas moradias tem como elemento de destaque a varanda correndo por quase toda uma das fachadas. Desta varanda, situada na maioria dos exemplos no pavimento superior se tem acesso aos cômodos (ou casas) de usos diversos: sala, alcovas cozinha e sala do oratório a das rezas. As alcovas são escuras ou abertas à luz se situadas na extremidade da varanda. Para tal varanda se tem acesso por escada quer ao ar livre outras vezes com proteção de um telhado. A varanda se abre geralmente para uma ampla paisagem. ²¹ Em alguns casos a cozinha fica no pavimento inferior e, para acesso a ela, existe escada própria assim como para a adega. ²² Em casas desse tipo, menores o gado, no inverno, se abriga no térreo.

Aquela casa portuguesa, diante de sua reconstituição exterior realizada a partir da cartografia e dos desenhos e gravuras, tem seu partido vinculado à uma arquitetura de teor erudita, uma vez que as arcadas têm pilastras com capitéis e base e disposição que a filia as casas de rico labor do Minho. A reconstituição de seu interior fica assim mais perto da realidade uma vez que tal varanda no térreo e no andar superior indica os usos como casa rural embora junto a um povoado que no caso seria apenas para servir ao porto de mar. A ilha poderia ser considerada na altura em que a casa foi construída uma área rural. Na parte de cima os cômodos existentes, provavelmente salas e quartos teriam seus acessos desde a varanda e, para esta, se chegava a partir da rua por uma escada. Quanto ao térreo, naturalmente existiria nele a cozinha além de outros ambientes de usos ainda não sabidos (adega e depósitos). Outra escada, esta interna, mas com ligação para a rua desde a porta situada do

lado Sul da fachada voltada para o rio, teria função mais aproximada a de um acesso de serviço interno e por onde entrariam aqueles que serviam na casa. Parece-nos arriscado realizar qualquer proposta de como seriam as divisões internas, mas nos parece suficiente saber o zoneamento dos usos do imóvel antes da presença do morador Nassau. Não existindo rua ela estava situado próximo à uma passagem de barco que atingia a península dos Arrecifes, o Povo. No lugar depois com o uso de um cabo se instalou uma balsa para transporte de maior número de pessoas, diante da forte correnteza rio.

Localização da casa no Recife atual

Em 1985, foi editado e publicado pela Prefeitura da Cidade do Recife, um *Atlas Histórico e Cartográfico do Recife*, coordenado pelo autor do presente texto, sendo fruto de uma de suas pesquisas. Na altura se verificou serem as atuais quadras do bairro de Santo Antônio, as mais antigas, aquelas organizadas, desde 1637, pelo governador João Maurício de Nassau e parte inicial de um plano de intervenção, realizado depois em 1639, onde se ampliou tal trecho na direção do Forte Frederico Henrique. Naquele momento foi possível concluir que a Praça da Independência era com precisão cartográfica o mesmo logradouro chamado de Terreiro dos Coqueiros nos documentos holandeses e naquele *Inventário* do Misquita. Assim, a quadra onde estaria a Casa de Sua Excelência era aquela delimitada pelas ruas do Imperador, 1º de Março, Larga do Rosário e Duque de Caxias. Restava determinar presentemente quais lotes da referida quadra tal construção ocupava antes das reformas das casas depois de 1654. Não havia ainda a certeza de que tivesse sido mantido o parcelamento em lotes que vinha do tempo da ocupação holandesa conforme se descreve no *Inventário*.

No Colóquio Portugal Brasil – *A Praça na Cidade Portuguesa*, que teve lugar em Lisboa em março de 1999, cujos *Anais*, ²³transformado em Livro foram publicados em 2001, o autor do presente texto comprovou, por meio de documentação escrita e uso da cartografia histórica que as ruas e quadras mais antigas dos bairros de Santo Antônio e São José, no Recife, eram as mesmas da chamada Cidade Maurícia, em suas partes *Nova* e *Velha*. Cidade que resultou daquela intervenção realizada pelo governador João Maurício de Nassau. Foi um desdobramento natural da questão já inicialmente e graficamente tratada naquele Atlas de 1985.

Em comunicação apresentada no Rio de Janeiro em 2004, nas Comemorações dos 80 Anos do Museu Histórico Nacional, o autor apresentou os resultados de outra sua pesquisa que envolveu a

identificação do percurso do inventariante Misquita nos bairros do Recife, Santo Antônio e São José. Com fundamento em mapa anterior às grandes reformas desses bairros pode o pesquisador reconhecer cada uma das moradias que sob itens o inventariante indicou no *Inventário*. A tarefa teve por princípio as etapas de trabalho, em termos de jornada, possíveis para um inventariante e o número de lotes de cada quadra esquina à esquina nos mapas existentes cronologicamente. A coincidência dessas esquinas, ruas e travessas, ou becos foi bem esclarecedora. O número de itens relacionados com cada quadra e a pouca modificação do parcelamento urbano desses locais ao longo de dois séculos muito ajudou nos resultados. Estes são indicadores e fiéis às premissas feitas e são passíveis de certos erros somente talvez corrigíveis pelo uso da arqueologia. Assim foi possível determinar o lugar daquela casa portuguesa e das demais construções materializadas quando do período de ocupação do imóvel pelo governador Nassau. Por outro lado Lei Judiciária impede a pesquisa nos Cartórios de Registro de Imóveis onde necessariamente muitas outras coisas a respeito das propriedades seriam esclarecidas.

As dimensões da casa

Diante daquele estudo realizado a casa ocupava, depois de confrontada a quadra atual com a relação de imóveis descritos pelo *Inventário* do Misquita, o lugar das seguintes edificações: a da esquina das ruas do Imperador Pedro II e 1º de Março, a nesta rua além da referida a de junto que tem por números: na margem do Rio, (Cais 22 de Novembro) números 468 e 452; Rua que vai do Terreiro para a ponte, (Rua 1º de Março, ou do Crespo), números 61, 67, 73, 79, 85, 89, 93, 99 e 105; na Rua Direita (Rua Duque de Caxias) os números 175 e 191. Assim as dimensões da casa principal e demais dependências puderam ser identificadas. A confirmação de tais dimensões somente será possível com pesquisas arqueológicas ainda não realizadas. Com a pesquisa cartográfica e conforme as imagens em desenhos e pinturas foram possíveis reconstituir os aspectos da casa principal e das demais construções. A casa principal ocupava o lugar dos prédios hoje de números 61,67 e 73. As nove casinhas, anexas à principal, ocupavam na rua que do terreiro seguia para a ponte os locais dos prédios de números 75, 85, 89, 93, 99, 105, e, na Rua Direita (do Queimado depois Duque de Caxias) o número 175.

Os usos do conjunto construído

Quando casa rural e pertencente a Pedro Álvares o seu uso em nada seria diferente daquele comum às casas de mesmo gênero em Portugal, isto é no pavimento superior estaria as casas (ambientes) de

receber (e fazer as refeições) e as alcovas, com acesso desde a varanda. Naturalmente não haveria a tradicional lareira diante do clima do Recife. No térreo, destinado à cozinha e dispensa também poderia também ficar os serviços de apoio, com as casas dos criados. No Recife não haveria lugar neste térreo, caso do inverno intenso do Norte de Portugal, para abrigar a pequena criação de gado de pequeno porte e aves domésticas.

Quando da ocupação da casa pelo governador Nassau algumas intervenções foram realizadas e elas implicaram em reconstrução daquela casa voltada para a antiga Rua Direita, lado do Terreiro dos Coqueiros, e a construção de cinco das nove casinhas referidas pelo Misquita e vistas na aquarela de Zacharias Wagener. O uso mudou, uma vez que as novas funções de residência e sede do governo deram ao conjunto funções diferentes das anteriores. O Padre Frei Manuel Calado do Salvador se refere a algumas festas ocorrida na casa, sendo a mais importante aquela primeira assembléia que reuniu holandeses e portugueses que estavam nas Câmaras de Escabinos e noutros cargos representativos no território ocupado. A casa constituía uma pequena corte e fiel às dimensões da conquista. Não estando à altura do desejo de Nassau ele então projetou a construção dos dois palácios bastante conhecidos, o que se daria depois de 1639.

A casa e demais construções depois de 1654

Depois da Capitulação dos Holandeses em 1654, a Fazenda Real procedeu aquele *Inventário* das casas para reconstituir propriedades confiscadas pela Companhia das Índias Ocidentais aos seus antigos dono e verificar o que então pertenceria ao Rei. Na oportunidade o filho do antigo proprietário Pedro Álvares, Belchior Álvares, recebeu a casa principal, a anexa do lado do rio, e aquela da Rua Direita. Com relação às nove casinhas passou a pagar aluguel de cinco que teria sido construída por holandeses. Estas, por arruinadas e caírem terminaram sendo requerida enquanto propriedade do terreno pelo Belchior. Assim ele passou a ser proprietário desse grande lote.

Em tempo não ainda determinado o terreno foi parcelado a partir das construções existentes de maior porte. Assim a casa principal gerou três lotes e o lugar das nove casinhas, considerando uma melhor frente, capaz de construções possíveis e rentáveis, permitiu a divisão em sete lotes de dimensões diferentes. Naturalmente dimensões essas que resultaram, conforme a cartografia, de cada uma das casas e conforme o investimento e tempo da reconstrução dos imóveis. As edificações nesses locais têm hoje os seguintes números: na Rua do Crespo (1º de Março) 83, 85, 89, 93, 99 e 105, e o último,

com numeração para a Rua Direita 175. Na Rua Direita (Duque de Caxias), retirada a dimensão lateral da casa 175, o restante do terreno foi dividido em três lotes. Hoje, anexado a casa primeira à de número 175 ficaram as de números 191 e 195.

Com fundamento em fotografia de Augusto Stahl,²⁴ datada de 1856, e outras representações gráficas,²⁵ reconstituímos as fachadas das casas dessa Rua 1º de Março. Assim foi possível, diante de tal desenho, identificar as casas mais antigas da rua, nesse ano, isto é sem intervenções mais recentes, que são as de número 93 e 99.

O mesmo se fez com relação a Rua do Imperador e Rua Duque de Caxias. Com relação a esta última a casa, vista em aquarela de Zacharias Wagener com feição nórdica, ela deve ter se arruinado, talvez por ser construída em madeira e tijolos da Frísia, e outra foi construída no lugar então com características naturalmente ibéricas. Esta fisionomia pode ser constatada em fotos e cartões postais do século XIX, onde destacamos as varandas sustentadas ainda por cachorros de pedra.

Depois da grande reforma do Bairro do Recife onde uma arquitetura de gosto eclética dominou, as casas da Rua 1º de Março que nos interessam foram vestidas com ornamentação típicas em uso pelos estucadores e assim passaram a ter novas fisionomias. Guardaram, no entanto, sob a nova pele a antiga modenatura e modulação.

Da Casa de Sua excelência devem permanecer ainda certas paredes que somente uma prospecção arqueológica pode revelar. Uma placa comemorativa foi fixada no prédio de esquina atual em homenagem ao observatório de Georg Markgraf.

João Maurício de Nassau, talvez sem o perceber, nesta casa tomou as mais importantes decisões de seu governo em ambientes que se identificam com aqueles das casas rurais de Portugal Ibérico.

Notas

- 10 *A arquitetura mostra características portuguesas: telhado em 4 águas, predominância de linhas horizontais sobre as verticais. A parte habitável era a superior, para a qual se subia por 2 escadas: uma que levava “à varanda de tábuas” e outra cuja entrada ficava por baixo de uma sacada que se apoiava sobre pilares. A gravura de Wagener é muito valiosa e mostra as “nove moradinhas de casas terreiras, fabricadas por Flamengos, na rua que vai do terreiro dos coqueiros para a ponte” (terreiro que se vê ao fundo da gravura). As moradinhas vão entestar “pela illxarga com a varanda de tábuas” GONSALVES DE MELLO, José Antônio, Tempos dos Flamengos, Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Cultura, Recife, 1978, 2ª Edição pp 83/84.*
- 11 No Thier Burch um mapa do Recife, prancha sob o número 109, indica sob a letra M uma casa, a portuguesa de outros mapas, com a legenda *Sein Exctie Hoff*, a Corte de Sua Excelência. Na prancha 107 tal edificação está representada com o seguinte comentário: *Desejei aqui representar o local e a situação da residência do ilustre Maurício, Conde de Nassau, Capitão – Governador e Almirante Geral etc do Brasil, durante o tempo de sua assaz louvada administração.*
- 12 Barléus, Gaspar, História.. prancha de número 35, assinada e datada F. Post, 1645.
- 13 O item assim descreve a casa: *Umas casas de sobrado, fronteiras à ponte que vai para o Recife, com varandas de tábuas pela fronteira de pedra e cal, obra portuguesa e antiga; e assim das casas como do sitio declarou Belchior Alves que lhe pertenciam, e sem embargo de ser muito notório por ser o inventário de todas as casas em geral se lançaram nele as ditas casas para se lhe fazer entrega na forma da clareza referida, Misquita*
- 14 Assim está descrita no Inventário: 353. *Umas casas de sobrado no terreiro dos coqueiros, fabricadas por Flamengos: nelas está aquartelado o Capitão Manoel d' Aguiar. / Estas casas se entregaram a seu dono o Capitão Belchior Alves por pertencerem à Capela, que seu pai Belchior Alves deixou, e justificar serem suas, com condição de que pagaria o valor das benfeitorias, que nela se acharam obradas pelos Flamengos ou Judeus, em caso de Sua majestade assim ordenasse; e a dita entrega se lhe fez em doze de Agosto de seiscentos e sessenta em virtude de sentença, que o dito Provedor deu sobre o caso, que está neste Cartório da Fazenda. Silveira.* Trata-se do filho de Belchior Alves de mesmo nome.
- 15 Várias pinturas de Frans Post, artista vindo com a comitiva de Nassau, representam casas de origem ibérica nos arredores do Recife. Por meio de tais moradias podemos verificar que o pavimento superior era sustentado por pilares de alvenaria e as paredes deste eram de taipa de pau a pique. No entanto a casa grande do Engenho do Meio, (hoje demolida), talvez admitindo a forma adotada na do Álvares, tinha o exterior em alvenaria de pedra, sendo dentro todas as paredes de taipa de pau a pique ou de sopapo, com as madeiras principais e as formadoras dos vãos falquejadas, isto é, cortadas segundo seção quadrada..
- 16 Em Arcozelo, Ponte de Lima, Portugal, o Solar Quinta do Sabadão é construído em alvenaria de pedra e tem o térreo e primeiro pavimento de mesmo material. Também em Paio de Figueiredo, Guimarães, outro solar tem iguais características.

17 as nove moradias estão assim identificadas no Inventário: 354-362. *Nove moradinhas de casas terreiras, fabricadas por flamengos, na rua que vai do terreiro dos coqueiros para a ponte. Declaro que as fronteiras são fabricadas pelos Flamengos, e as traseiras vão entestar com as casas de sobrados e, pela ilhargá, com a varanda de taboas, as quais foram alugadas a Belchior Alves em (por) uma pataca cada mês por cada uma, que começa a correr de vinte e sete de maio de seiscentos e cinqüenta e quatro Misquita. / O Capitão Belchior Alves não paga aluguel de cinco moradas de casas das contendas acima desde vinte e sete de Março de seiscentos conçoenta e sette; porquanto estão no chão, e arruinadas, e por despacho do Provedor se lhe deu esta baixa. Recife nove de Abril de Seiscentos e sete. Misquita / Mnadou o Provedor da fazenda Real Simão Alves de Lapenha entregar as quatro moradinhas de casas acima ao Capitão Belchoir Alves Camello por estarem caídas, até outra ordem de Sua Majestade. Recife dezenove de Outubro de seiscentos cincoenta e sete. Misquita.*

18 364. *Umas casas de sobrado encostadas à de que se faz menção atrás (363) de pedra e cal, obra antiga: sobre as mesmas fez o dito Belchior Alves a mesma declaração, que também lhe foi aceita na forma sobredita. – Misquita.*

19 Item 301. *Todas as moradas de casas e sítios da porta à fora disse Belchior Alves que lhe pertenciam os ditos sítios e terras, em que estavam fabricadas, a qual declaração lhe foi aceita, o que dizia se deferisse com justiça. – Misquita.* Assim as construções, algumas derrubadas pelos holandeses para uso melhor do Forte Frederico Henrique, das Cinco Pontas, da Nova Maurícia passaram a propriedade de Belchior. Diante disto acreditamos que essas moradias demolidas foram refeitas lentamente depois da retomada do lugar pelos portugueses após 1654. Daí talvez os lotes estreitos do atual Bairro de São José. (Nota do autor).

20 *Arquitetura Popular em Portugal*, Edição do Sindicato Nacional dos Arquitetos, Lisboa, Portugal, 2 volumes 1961.

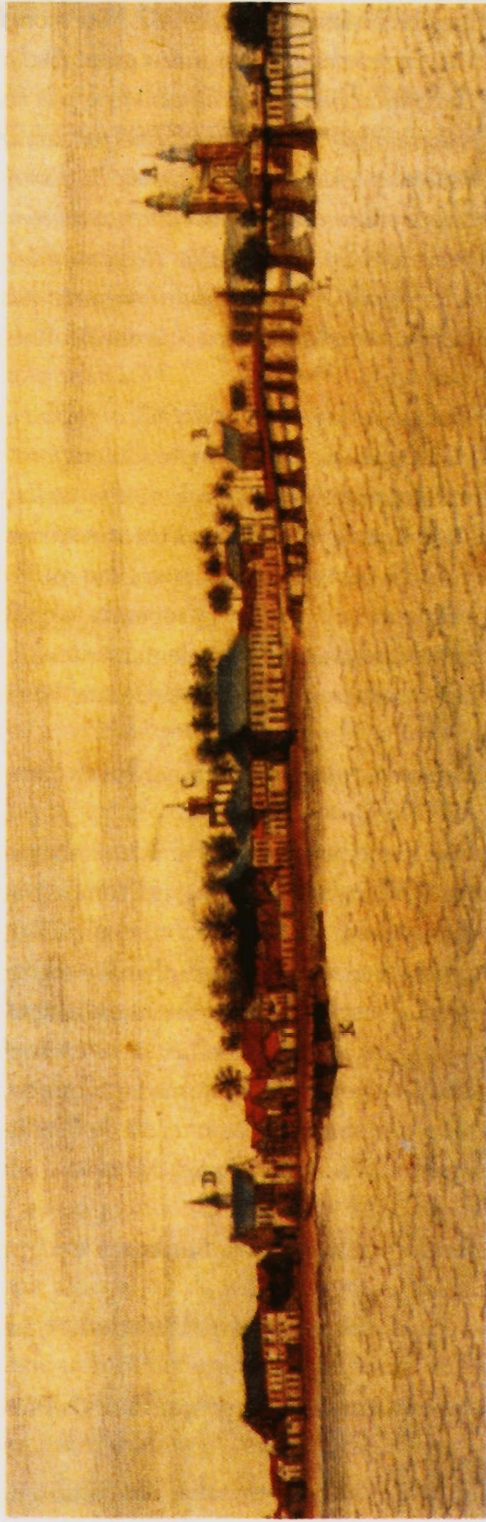
21 “cabe, pois referir aqui um aspecto não mencionado e que é fundamental para a compreensão do fato: como ressalta da análise mais circunstanciada da planta, semelhante às outras casas, as varandas são principalmente corredores que ligam a entrada da casa com qualquer quarto ou sala e serão tanto mais compridas quanto mais dependências existirem alinhadas e convenha servir. Apoiadas em pilares isolados; retraídas ou projetadas suspensas, de traves lançadas desde o interior e de lajes de pedra engastada na parede; abertas ou entaipadas, recolheram-se exemplos interessantes que nos mostram a relativa semelhança de soluções dispersas, numa faixa que se pode referenciar por locais ou povoados como Nespereira, ao Sul do Douro, em terras de Cinfães; Celorico de Basto. Ao longo da estrada que daqui segue para Vieira do Minho, Monção e Merufe.”. *Arquitetura Popular em Portugal*, 1961, op cit. p. 84

22 Vários exemplos existem na referida publicação do Sindicato e algumas das casas estão reproduzidas no presente texto.

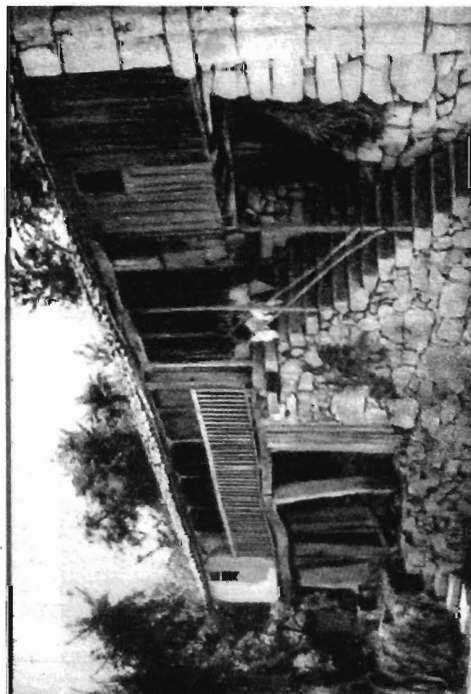
23 TEIXEIRA, Manuel C.. *A Praça na Cidade Portuguesa*, Livros Horizontes, Lisboa 2001. Págs. 121 a 138

24 Álbumem 17 x 21,8 cm Coleção Gilberto Ferrez, hoje propriedade da Fundação Moreira Sales, Rio de Janeiro.

25 Cartões postais de cerca de 1890 até 1910 e outras fotografias tais como a de João Ferreira Vilela

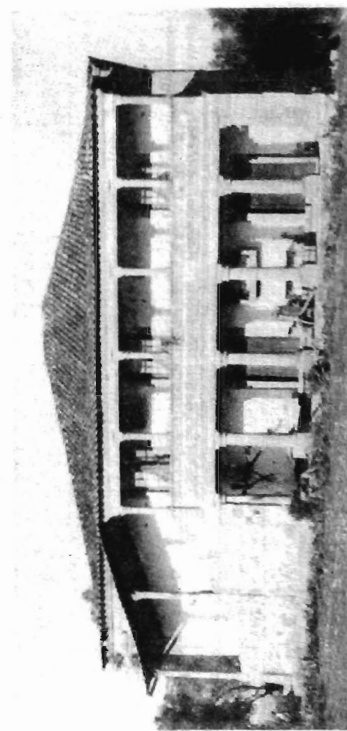


Mauniopolis gravura In Barleus - Detalhe

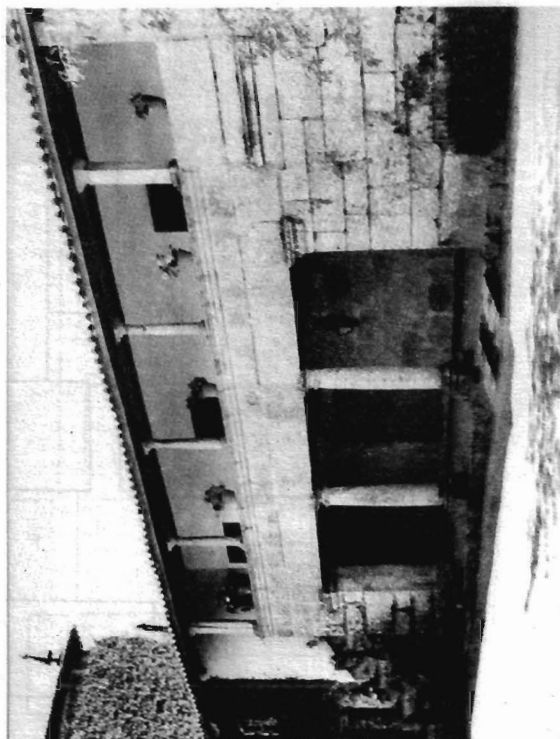


Solar em Celorico de Baixo - Portugal

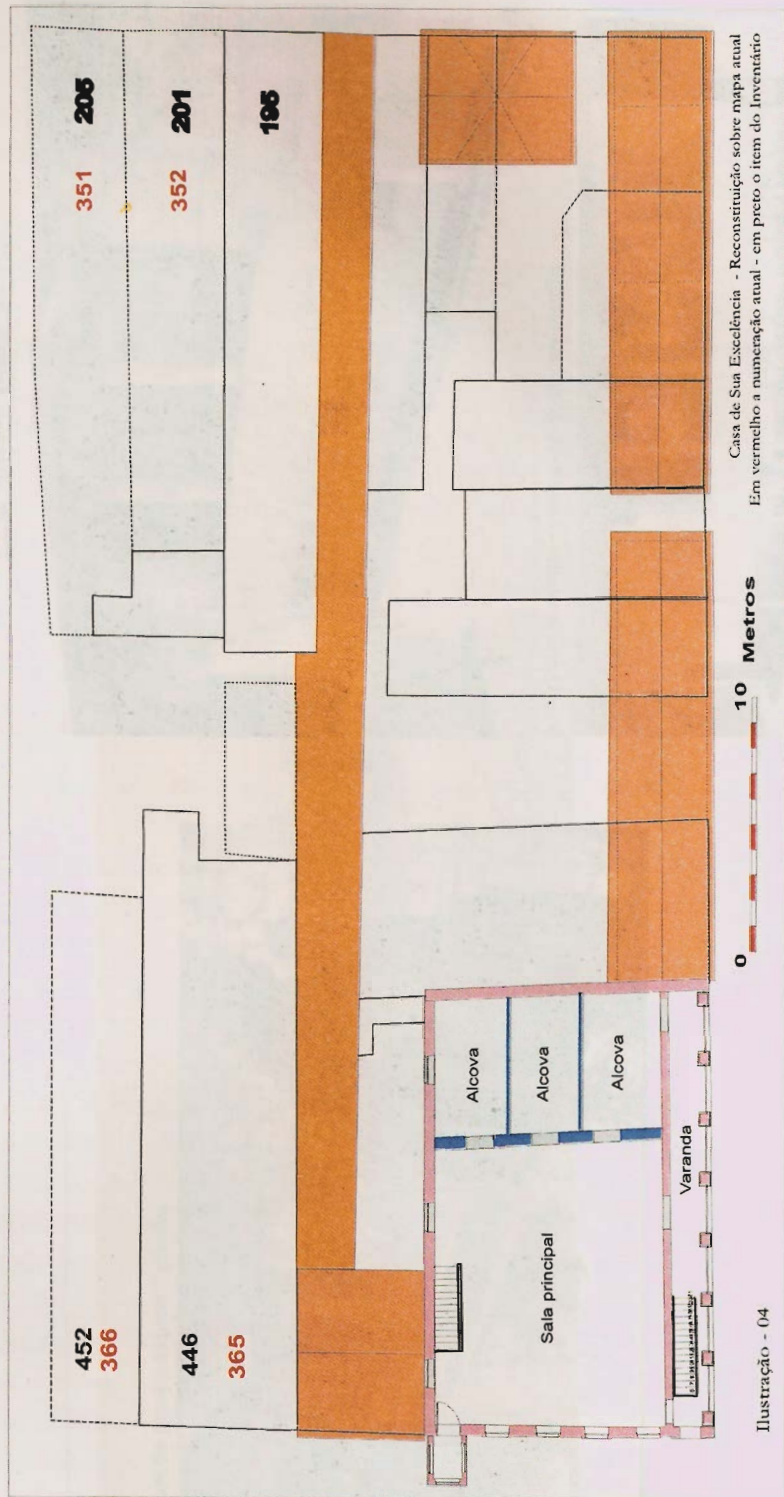
ILUSTRAÇÃO - 02



Solar Quinta de sabadão - Arcozelo Ponte de Lima Portugal



Solar em Paio de Figueiredo, Guimarães, Portugal



0 10 Metros

Casa de Sua Excelência - Reconstrução sobre mapa atual
Em vermelho a numeração atual - em preto o item do Inventário

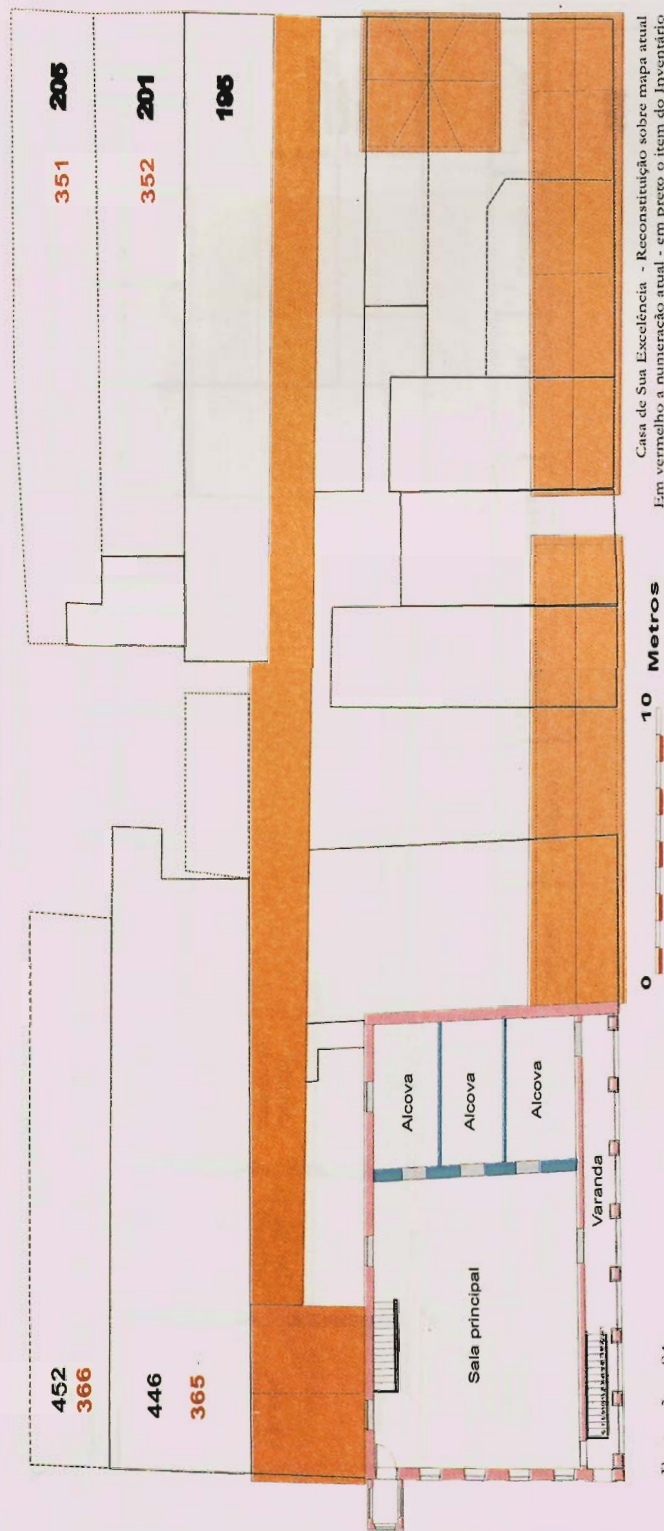
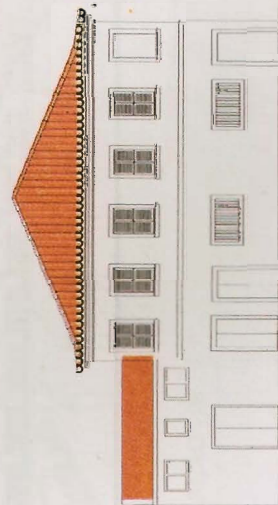
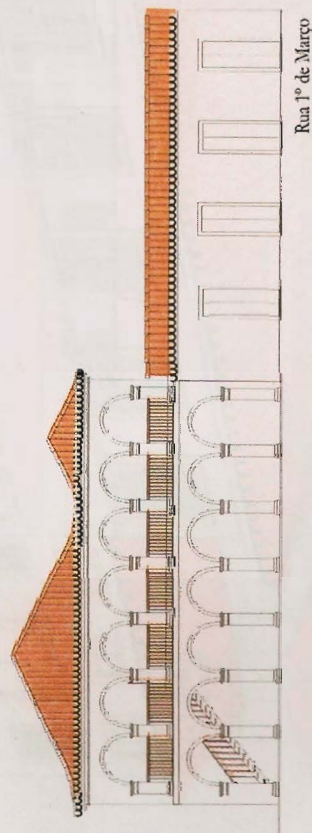


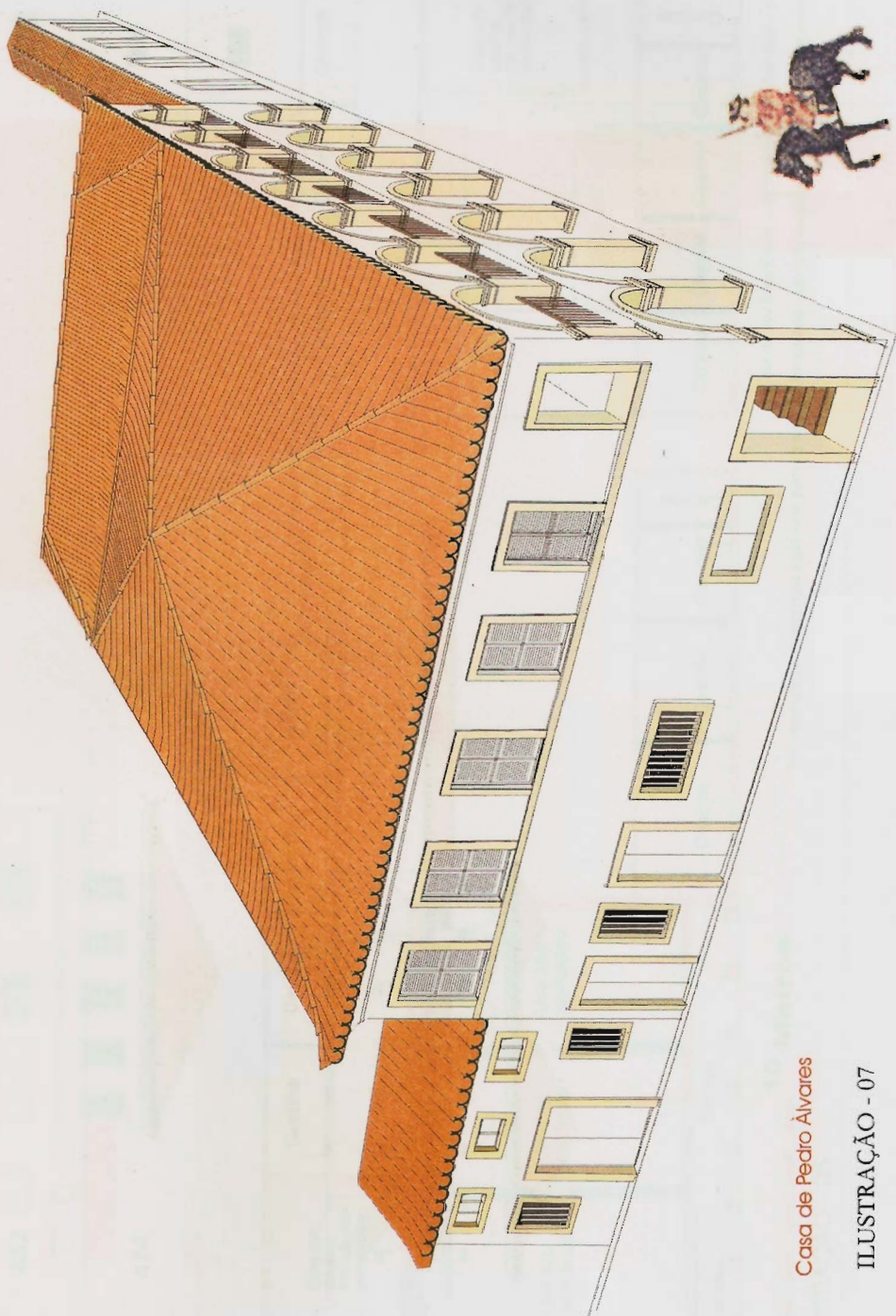
Ilustração - 04



Casa de Pedro Álvares em 1630

ILUSTRAÇÃO - 06

0 10 Metros



Casa de Pedro Álvares

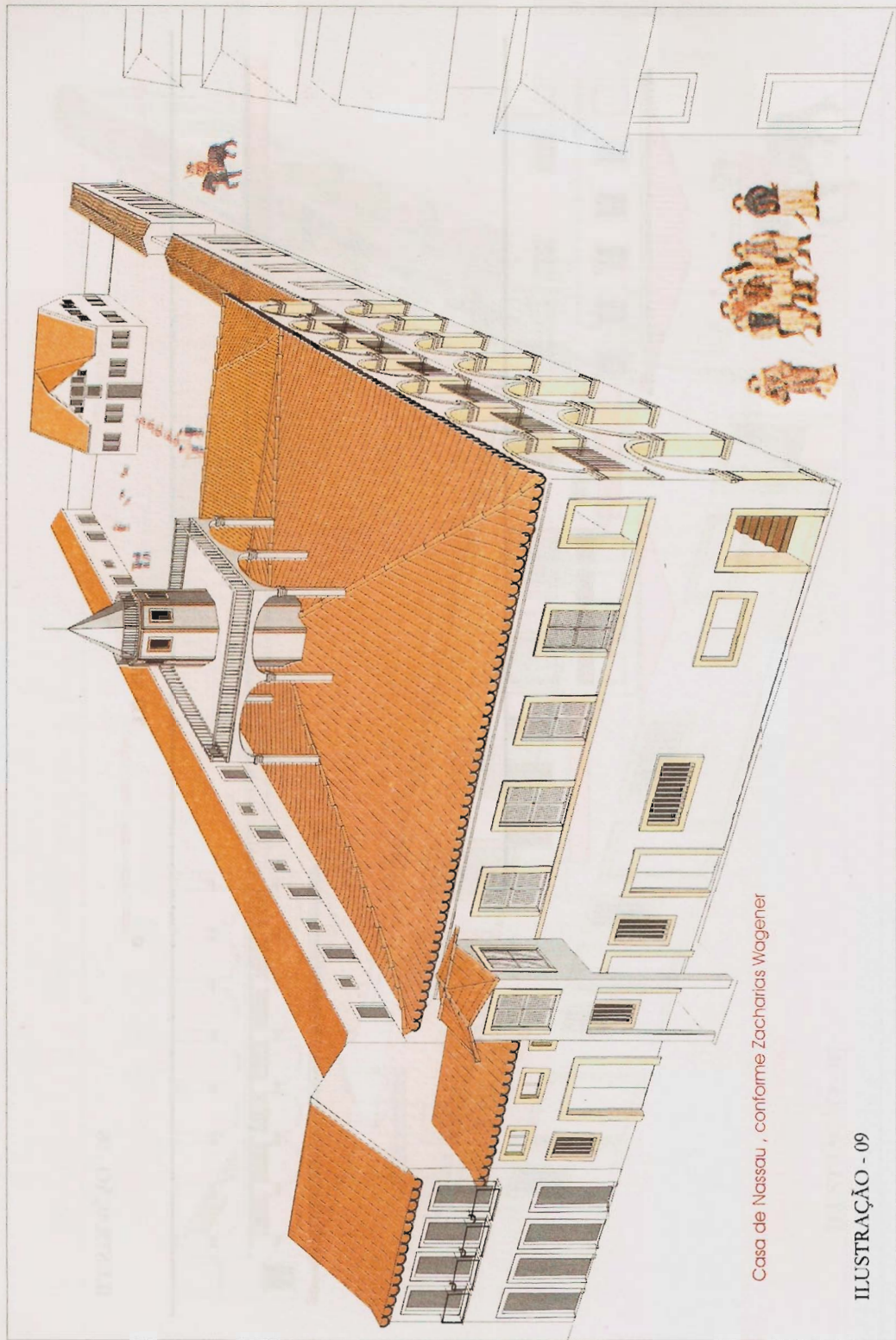
ILUSTRAÇÃO - 07



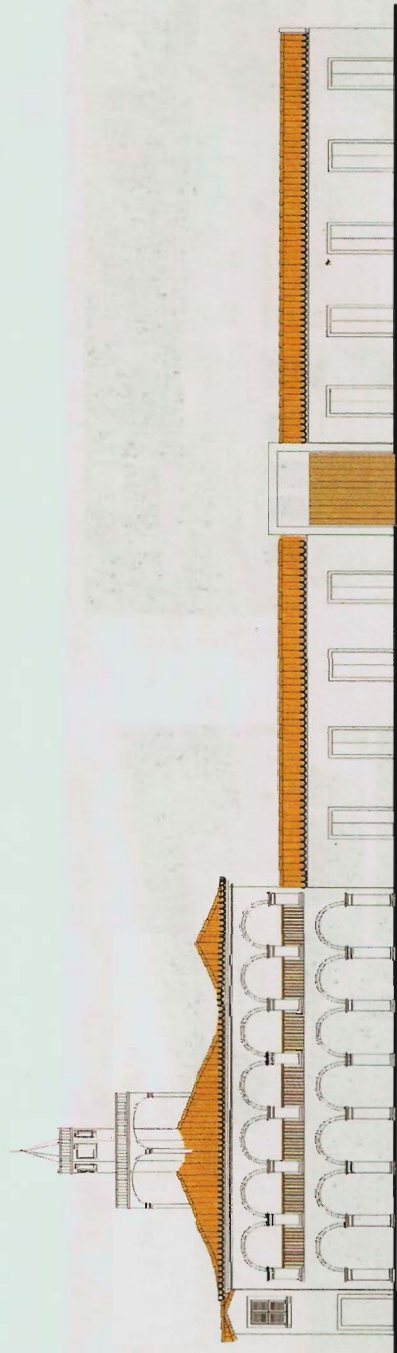
10 Metros

Casa de Nassau, conforme aquarela de Zacharias Wagener

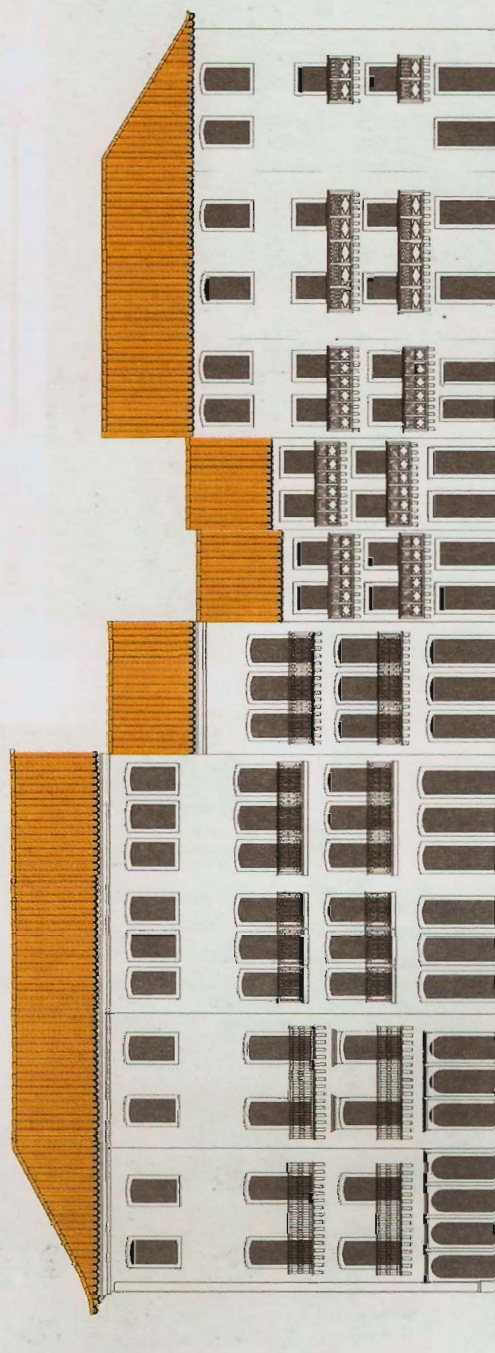
ILUSTRAÇÃO - 08



Casa de Nassau , conforme Zacharias Wagener



Rua que vai do Terreiro dos Coqueiros para a Ponte - atual 1º de Março em 1856



Rua que vai do Terreiro dos Coqueiros para a Ponte - atual 1º de Março em 1856

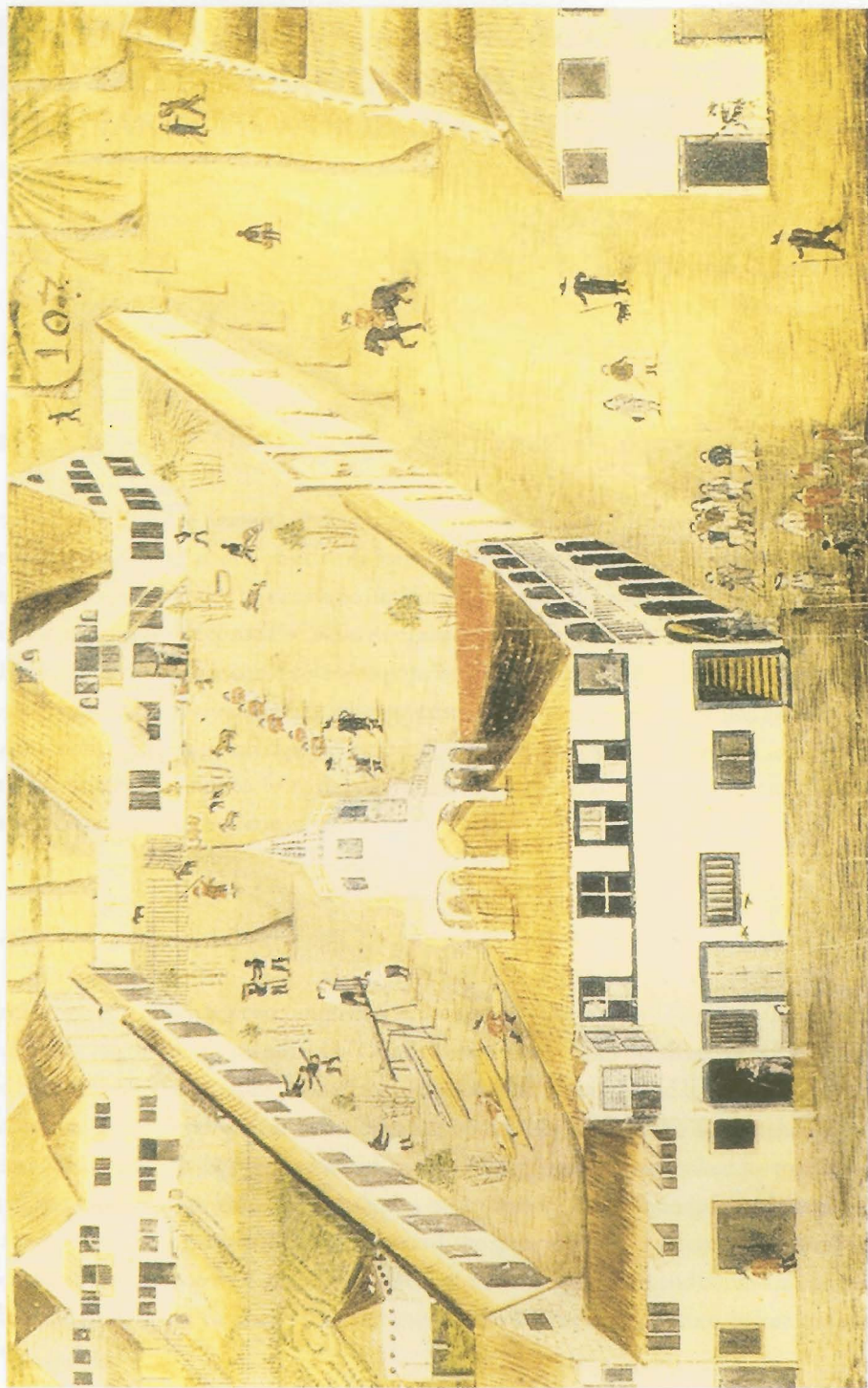
0 10 Metros

ILUSTRAÇÃO - 09



Situação atual





Ilha de Santo Antônio - Recife - Velha Maurícia - vista em aquarela de Zacharias Wagener

ILUSTRAÇÃO - 11